

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

BACHARELADO EM TEOLOGIA

JOSENILSON ANTONIO DA SILVA

CELIBATO SACERDOTAL COMO CONSELHO EVANGÉLICO E SEU
DESENVOLVIMENTO ECLESIOLÓGICO

ANÁPOLIS - GO

2020

JOSENILSON ANTONIO DA SILVA

CELIBATO SACERDOTAL COMO CONSELHO EVANGÉLICO E SEU
DESENVOLVIMENTO ECLESIOLOGICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Pe. Carlito Bernardes.

ANÁPOLIS – GO

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSENILSON ANTONIO DA SILVA

CELIBATO SACERDOTAL COMO CONSELHO EVANGÉLICO E SEU DESENVOLVIMENTO ECLESIOLÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Pe. Carlito Bernardes.

Com nota avaliativa:

Data da aprovação:

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador

ORIENTADOR

Nome do Convidado

CONVIDADO

Nome do Convidado

CONVIDADO

DEDICO

Dedico a todos aqueles que se fizeram Eunucos por causa do reino dos céus, especialmente aos irmãos no sacerdócio que vivem a mesma realidade deste chamado-mistério que só compreenderemos no banquete do reino definitivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus o grande motivo deste trabalho que visa ser um auxílio na reflexão acerca do celibato sacerdotal, à Comunidade Obra de Maria minha família espiritual, a todos os paroquianos da Paróquia Nossa Senhora do Rosário da Muribeca que de maneira afetuosa me ajudam a viver o desafio do celibato pelo Reino de Deus e pelo seu povo, ao Pe. Carlos Bernardes pela orientação e auxílio, aos meus pais por serem os primeiros a fazerem a oferta da minha vida a Deus, e a todos os professores que fizeram parte, confessores e diretores espirituais que fizeram parte da minha história vocacional. Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“E a outros ainda que a si mesmos se fizeram celibatários, por causa do Reino dos Céus”

(Mt 19,12)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CS	Celibato Sacerdotal
CIC	Catecismo da Igreja Católica
ACC	Apostila o Celibato Consagrado
FC	Familiares Consortio
A	Apostila: À virgindade Pe. Enrico Pepe
DPO	Decreto Presbyterorum Ordinis
PRC	Perguntas e respostas sobre Celibato
PDV	Pastoris Dabo Vobis
SC	Sacramento Caritatis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. VISÃO GERAL DE CELIBATO	9
2.1. A VIDA NO CELIBATO	12
2.2. O CELIBATO COMO VALOR.....	14
2.3. ALGUMAS OBJEÇÕES COMUMENTE FEITAS AO CELIBATO	16
2.3.2. <i>Objecões não religiosas</i>	17
2.4. QUEM SÃO OS EUNUCOS?.....	18
2.5. OS EUNUCOS A QUEM OS HOMENS FIZERAM TAIS	19
2.5.1. <i>Eunucos pelo Reino</i>	19
3. CELIBATO NO NT	21
3.1. CELIBATO E NOVIDADE DE CRISTO	21
4. O CELIBATO NA VIDA DA IGREJA.....	25
4.1. CELIBATO E AMOR DE CRISTO E DO SACERDOTE PARA COM A IGREJA.	27
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho não é meu objetivo polemizar ou por em dúvida a doutrina que há séculos vigora na Igreja como precioso tesouro espiritual e fonte de onde foram gerados muitos santos. Tenho por objetivo reafirmar e por em relevo a posição da Igreja e os motivos ou dimensões que são fatores decisivos na doutrina do Celibato Sacerdotal.

Veremos a posição atual da Igreja como também a posição dos nossos últimos papas a esse respeito sua doutrina e sua necessidade de conservação. Como também e de modo especial que o celibato trata-se de um conselho de nosso Senhor Jesus Cristo, e é, portanto uma lei de dimensão eclesial e não divina. Porém foi confiada a Igreja a missão de ligar e desligar com autoridade do Mestre e Senhor Nosso.

Dentro das dimensões que compõem a beleza e grandeza do Celibato veremos a Escatológica que é diretamente o celibato por causa do Reino dos Céus. A Eclesiológica que é o direcionamento e vivência da dimensão sponsal que espera o seu noivo que vem. E por fim a Cristológica que é a maior de todas as dimensões e a maior motivação por ser Cristo modelo e motivo do Celibato cristão.

Portanto o Celibato só deixa mais iluminada a face da Igreja e completa nela a missão que lhe foi confiada. Por isso penso que deve ser considerado como uns grandes tesouros que deve ser mantido e defendido por aqueles, sobretudo que se sentem chamados a seguir a Jesus mais de perto e a ser conduzidos por ele ao caminho onde muitos são chamados mas poucos são os escolhidos que é o caminho da porta estreita onde poucos conseguem seguir por ela. Que possa nos ajudar este simples trabalho a abraçarmos com maior vigor nosso caminho do sacerdócio cristão e da perfeição evangélica.

2. VISÃO GERAL DE CELIBATO

Partindo de uma visão geral o Celibato nada mais é do que a condição de um homem ou de uma mulher, solteiro, separado ou viúvo, de viver uma vida em abstinência sexual, simplesmente, sem atividade sexual. E é este exatamente o padrão moral, ético e comportamental bíblico para os indivíduos solteiros e para os viúvos. É também um dom concedido por Deus áqueles que optam por não casar com o propósito de se dedicarem mais desimpedidamente às coisas de Deus. Este só tem verdadeiro sentido quando pe assumido como valor e como uma opção de amor.

Alguns homens e mulheres estão Celibatários porque ainda não descobriram a pessoa certa com quem se casar. Quando o fiel cristão descobre na sua situação de solteiro um apelo de Deus e o aceita de livre vontade, a sua vida Celibatária pode tornar-se vocação assumida e valorizada, a pessoa pode então passar a viver a sua situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar.

O Celibato tem sentido quando é assumido em função de algo ou alguém, no âmbito cristão trata-se de Deus, pelo qual se vive e se trabalha, e que, em suma, torna incompatível uma vida não célibe por parte dos que deixaram tudo para seguir a Jesus dessa forma, por causa do dom do Espírito que se deseja viver e por causa do nível de entrega e de dedicação que esse dom implica. Assim o Celibato passa a ser valor na medida em que for vivido como tal.

A verdade é que o Celibato se ajusta de muitos modos ao sacerdócio. Pois a missão toda do sacerdote esta dedicada ao serviço da nova humanidade, que Cristo o vencedor da morte, suscita no mundo pelo seu espírito, e tem sua origem “não do sangue nem da vontade da carne nem da vontade do homem, mas de Deus” ¹ (Jo 1,13).

¹ CS n. 33

Pelo Celibato guardado por amor ao Reino, os presbíteros se consagram a Cristo de maneira privilegiada, a ele mais facilmente aderem de coração indiviso, dedicam-se mais livremente nele e por ele ao serviço de Deus e dos homens. Servem com mais disponibilidade a seu Reino e à obra da regeneração vinda do alto e assim se tornam mais aptos a receber de maneira bem ampla a paternidade em Cristo. Esta forma de vida pode não ser definitiva e a pessoa ser chamada ao matrimônio em qualquer idade.

Assumem de forma definitiva o Celibato pelo reino dos céus os que consagram totalmente a sua vida a Deus e, por isso, renunciam ao casamento. A sua opção resulta da percepção do amor de Cristo e de seu chamamento, correspondidos positivamente numa relação crescente de amor para com ele. Neste caso, a motivação para o Celibato é teológica e carismática, é uma graça divina que a pessoa acolheu e a qual corresponde livremente com a entrega total de si mesma a Deus. Outra forma é o Celibato sacerdotal.

Este em certo sentido une as duas formas anteriores: por um lado resulta da circunstância de a pessoa sentir a vocação para o ministério consagrado. Por outro corresponde a uma entrega de si mesmo para o serviço do reino de Deus. A motivação é acentualmente apostólica, mas, fundamentada em razões teológicas e carismáticas. Diz o CIC “os ministros sagrados chamados a consagrarem-se totalmente ao senhor e às suas coisas dão-se por inteiro a Deus e aos homens”. O celibato é um sinal desta vida nova, para cujo serviço o ministro da igreja é consagrado, aceita de coração alegre, anuncia de modo radioso o reino de Deus.

A vida celibatária é a concretização da vocação ao amor e a comunhão, a que todos são chamados, respondendo a tal vocação inscrita no seu ser, a pessoa humana realiza a sua condição e dignidade de imagem e semelhança de Deus, que é amor e vive em si mesmo um critério de comunhão pessoal de amor. Não pode haver opção

² CIC 1579;1599.

celibatária que não seja motivada pelo amor de Deus e ao próximo. Mesmo na primeira forma acima apontada, se a pessoa assume a sua condição como vontade de Deus, não pode deixar de orientar a sua vida pelo amor, abrindo-se a uma relação sempre mais profunda de comunhão e de serviço. Sendo resposta à vocação ao amor, a vida celibatária não significa menosprezo ou visão negativa da sexualidade.

Esta afeta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar, e de um modo mais geral à aptidão para criar laços de comunhão com outrem. Escolhendo o celibato, a pessoa renuncia a uma forma de viver a sexualidade, para se entregar a Deus com um coração indiviso. Sublima o impulso e a energia sexual dando-lhe outro significado e finalidade, para uma fecundidade espiritual. Como Cristo também, o celibatário entrega o seu corpo, e todo o seu ser, por amor a Deus e em favor dos homens. Nesta doação total por um amor oblato, vive a castidade própria de sua condição.

O celibato, como o matrimônio implica uma vida de relação com os outros e não de solidão, é caminho para a maturidade e não privação. É expressão de uma doação de si mesmo livremente decidida e não resultado de qualquer frustração ou desengano na relação afetiva. Também implica certa vivência da sexualidade, não na união física nem na auto-satisfação narcisista ou na procura do prazer recíproco e na expressão do afeto mútuo, mas na sublimação espiritual mediante o domínio de si mesmo. Esta liberdade pessoal é condição para fazer de si uma doação total e definitiva a Deus suscitada pela graça que d'Ele recebeu. O celibatário renuncia a intimidade física em ordem a uma mais perfeita disponibilidade, ao calor humano de uma família para se tornar pai ou mãe da humanidade, a continuação da vida nos próprios filhos para uma vida que não tem fim, a vida de Deus nas pessoas.

2.1. A VIDA NO CELIBATO

A vida no celibato é, portanto, também uma opção de amor, mas orientada para Cristo. A pessoa doa-se a si mesma, não a uma pessoa do outro sexo com a qual estabeleceu vínculos de afeto, mas a Cristo no qual crer e pelo qual acredita ser amado. A sua entrega significa o assumir de uma vida que é renovada por Cristo e penetrada pela força do Espírito. A pessoa doa-se em todo o seu ser, também na dimensão física, mas o faz de forma diferente da que é vivida no matrimônio. Chiara Lubich fala que a castidade é: “como o dilatar do coração segundo a medida do coração de Jesus”. Fazendo assim, a pessoa emprenha-se em amar cada irmão como Jesus ama. Escolhendo o celibato por ter sentido o grande amor de Cristo por ele, o fiel cristão esforça-se por viver o amor à maneira e segundo a medida de Cristo. Para ele, o amor a Cristo e aos irmãos constitui um imenso e único amor. E trata-se sempre de amar por Jesus, por uma graça que vem dele. É um amor a todos universal, mas vivido na doação a cada um, isto é, àquele que encontro que passa pela minha vida. Está aqui a originalidade do amor na pessoa celibatária, que é diferente, portanto do amor conjugal. Este passa sempre pelas expressões humanas da sexualidade e da ternura.

A doação livre de si mesmo ao outro, finalmente, como Jesus ama, é que torna o amor puro e casto, tanto na pessoa casada como na celibatária. Na primeira, as expressões físicas do amor não o degradam; na segunda; não precisa tolher o coração nem reprimir o amor, pois encontrará sempre expressões belas para amar o seu próximo, de forma concreta e sensível. No primeiro caso, o amor une sempre mais quem o vive e estreita os vínculos entre as pessoas. É vivido na doação e acolhimento mútuos. No celibatário, o amor não prende, mas liberta, é vivido na generosidade e no desapego, torna a pessoa dom para os outros sem esperar compensação.

³ ACC Pág. 2. Pe. Jorge Manoel Faria Guarda

O amor do celibatário há de ser também fecundo, gerar vida, não no sentido biológico, mas na dimensão espiritual. Mediante o amor, o celibatário gera a vida de Jesus nas almas que encontra, cria vínculos espirituais com as pessoas e pode mesmo exercer uma paternidade espiritual, fazendo com que tais pessoas e pode mesmo exercer uma paternidade espiritual, fazendo com que tais pessoas se sintam regeneradas, recebendo uma nova vida: a de Deus! Deste modo, enriquece também a humanidade, contribui, para o seu crescimento qualitativo e espiritual. Quem é chamado ao celibato, consagrando a sua vida a Deus, faz a renúncia à vida de casado. Cumpre, quase a letra, a palavra de Jesus “qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33). Renuncia à sua genitalidade, à relação de afeto com outra pessoa, à paternidade ou maternidade biológica, a construir a sua família, desapega-se de tudo e de qualquer pessoa, para seguir a Cristo mais de perto e viver em comunhão especial com Ele. Mas desta relação, no Espírito, pelo amor, há de surgir uma nova família, a fraternidade cristã, que pode adquirir múltiplas formas e que se traduz na vida da comunidade cristã, na sua variedade.

Se não gerar a comunidade dos filhos e filhas de Deus, o celibato fica infecundo. Sem a paternidade ou maternidade espiritual, o celibatário corre o risco de ficar estéril e de viver a sensação de perda, de frustração, de estar incompleto, de não atingir a plenitude. O celibatário, que assume a sua vocação livremente e a vive fiel numa doação incondicional a Deus, no amor, e no serviço generoso aos irmãos, experimenta realmente a felicidade e vê verdadeiramente Deus na sua vida. Deixou tudo pelo senhor, e nada lhe falta. Renunciou a construir uma família, e vive rodeado de irmãos e irmãs, de filhos e filhas, numa grande família espiritual reunida no amor de Cristo. A sua vida é muito diferente da de muitos solteiros de moda, centrados em si mesmo e nos seus prazeres, gerando e gerindo solidão, que produz um vazio de alma e de tédio. Viver em celibato, conservando a castidade do coração, exige esforço para corresponder à graça da própria vocação. É preciso, antes de mais, cuidado em manter e consolidar a liberdade pessoal, para amar sempre mais, mantendo a vigilância sobre todas as situações que a podem pôr em causa. O celibatário há de abraçar a cruz e recomeçar no empenho pela fidelidade no amor. A relação com Deus, sempre mais profunda, cultivada na oração, e uma sadia comunhão fraterna ajudam muito a manter-se fiel na própria entrega de amor.

2.2. O CELIBATO COMO VALOR

Para ser vivido como um valor é necessário que o celibato seja assumido livremente, depois de ter descoberto nele um propósito, um sentido que o torna necessário. Nessa situação a pessoa faz uma opção interna e externa pelo celibato, sabendo que essa opção é necessária por causa de algo que ela deseja alcançar. À pergunta do ponto de vista psicológico, se o celibato tem sentido em si mesmo podemos responder; não. Em si mesmo o celibato não tem sentido, porque implica fechar possibilidades naturais de realização, especialmente no âmbito afetivo-sexual, e também no espiritual. Nessa suposição, a energia sexual circula ao redor de si mesma, em vez de procurar seu objeto adequado. Portanto, o celibato não é automaticamente um valor. Ele deve ser transformado à medida que for vivido com um sentido.

O celibato passa a ser valor, à medida que for vivido como tal. Na suposição de que alguém viva celibatariamente na vida religiosa e no sacerdócio sem orientar-se para o reino, o celibato não é um valor, mas uma deficiência, uma diminuição das possibilidades existenciais, uma renúncia por conveniência, sinal de dificuldades afetivas, de incapacidade para amar e ser amado ou de simples estratégia de sobrevivência. Somente à medida que ele for um valor apreciado e como tal vivenciado é que será possível testemunhá-lo, isto é, proclamar a renúncia a fechar o círculo em torno de uma única pessoa e aceitar o compromisso com muitas pessoas por amor de Deus e de seu reino. Tal opção transparecerá com seus efeitos na maneira de relacionamento e de entrega aos outros, e no projeto vital assumido por amor ao pai. No entusiasmo pela construção do reino. A escolha do celibatário não comporta ignorância, ou desprezo do instinto sexual ou da afetividade, o que seria conseqüências certamente prejudiciais para o equilíbrio físico e psicológico do sacerdote, mas exige lúcida compreensão, atento domínio de si mesmo e sábia sublimação da própria psiquê, encarada num plano superior. Deste modo o celibato, elevando integralmente o homem, contribui afetivamente para a sua perfeição.

O celibato tem, pois, sentido somente quando por seu intermédio a pessoa é capaz de engendrar vida nova e vida em abundância. O celibato não é uma questão fundamentalmente genital; ao contrário trata-se da orientação vital de toda a pessoa, na qual o genital está também orientado por ter sido identificado não ignorado; assumido, não negado; e integrado, não reprimindo, no viver com plenitude e sentido. Sem essa apropriação da genitalidade, é muito difícil trabalhar pelo reino com alegria e firmeza, porque a pessoa não estará unificada em seu ser. Por isso o celibato mais que um assunto genital, é assunto que se refere à pessoa

toda em si mesma e em suas relações; o genital necessariamente esta presente, porque é aceito e integrado, dentro do espaço que se lhe abre e dos limites que lhe são propostos. Todo o povo de Deus deve dar testemunho do mistério de Cristo e dos eu reino, mas este testemunho não é unívoco para todos. Deixando os filhos leigos casados, o dever do necessário testemunho da vida conjugal e familiar autêntica e plenamente cristã, a igreja confia aos sacerdotes o testemunho de vida totalmente dedicada às mais novas e fascinantes realidades do reino de Deus.

Se ao sacerdote falta a experiência pessoal e direta da vida de matrimônio, não lhe faltará certamente, em virtude de formação, do ministério e da graça de estado, um conhecimento do coração humano, talvez ainda mais profundo, que lhe permitirá atingir esses problemas na sua fonte, e prestar valioso auxílio aos cônjuges e às famílias cristãs assistindo-as e aconselhando-as (cf. 1Cor 2,15). A presença, no lar cristão, do sacerdote que vive em plenitude o celibato, vincará a dimensão espiritual de todo o amor digno deste nome, e o sacrifício pessoal que ele faz merecerá para os fiéis, unidos pelos vínculos do matrimônio, a graça de uma autêntica união.

2.3. ALGUMAS OBJEÇÕES COMUMENTE FEITAS AO CELIBATO

2.3.1. Objeções Religiosas

Há quem, surpreendentemente, cite as **Escrituras** a fim de procurar desmerecer o ensino bíblico do **Celibato**, este tão importante quanto o ensino do matrimônio. E não nos esqueçamos que o próprio **Senhor Jesus Cristo**, nos dias de sua carne, foi celibatário.

O versículo bíblico mais citado por parte de quem deseja criticar ou menosprezar o **Celibato** é este:

“Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” Gênesis 2,18

A primeira aplicação destas palavras do **Criador** dizia respeito a **Adão diretamente**. Pois é evidente que para o plano de Deus para o ser humano Adão não poderia permanecer só. Pode-se ainda considerar implícita aqui uma alusão às vantagens do matrimônio para os homens. Porém, citar este versículo a fim de criticar o **Celibato** é algo absurdo. Absurdo, pois então o próprio **Senhor Jesus Cristo**, por ser celibatário,

estaria desobedecendo a Deus, o que é ainda muito mais absurdo. Os que defendem incontestavelmente o Casamento para todos os homens incorrem em um grave erro, pois então, novamente o **Senhor Jesus** não saberia o que estava dizendo quando afirmou que **“há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus.” Mateus 19.** Se os críticos do **Celibato** estão corretos, então o apóstolo Paulo estaria fora de si ao afirmar que: **“é bom que o homem não toque em mulher” 1 coríntios.** Mas é certo que nem o **Senhor Jesus Cristo** e nem o apóstolo Paulo estavam fora de si, e a verdade é que a bíblia encoraja o **Celibato**, ressaltando-se, novamente, que apenas àqueles a quem é dado:

“Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para admiti-lo admita.” Mateus 19

2.3.2. Objeções não religiosas

Sem dúvida que a citação não religiosa mais comum a fim de criticar o **Celibato** é a que se segue: **“Sexo é uma necessidade fisiológica”.** Falso! O sexo **não** é uma necessidade fisiológica! O sexo não é um componente fisiológico, no sentido de ser, como alguns afirmam uma “necessidade que precisa ser satisfeita” sob pena de não se estar dando ao corpo o que de ele realmente precisa. Prova e evidência disto são multidões de pessoas que vivem **normalmente**, e que não tem vida sexual ativa. Muitos homens, jovens e velhos, perderam seus órgãos genitais em acidentes de trânsito, mutilados em crimes, vitimados por violência de toda sorte, devido à Hanseníase (Lepra), e, em grande parte, devido ao câncer. Da mesma forma, mulheres foram vítimas de violências mutilantes, traumas psicológicos, de Câncer, de acidentes, etc; e vivem sem uma vida sexual ativa. E isto sem falar nos incontáveis indivíduos que optam, consciente e deliberadamente, por viver sem sexo. São muitos os motivos religiosos ou não.

Necessidades fisiológicas são aquelas sem as quais o organismo humano não sobrevive, exemplo: Comer, beber, dormir, urinar, defecar, respirar e se movimentar. (A falta do movimento corporal leva à atrofia muscular e à múltiplas doenças, o que diminui, consideravelmente, o tempo de vida do indivíduo). Estas citadas são, realmente, necessidades fisiológicas.

A esse respeito disse Paulo IV: “O homem criado a imagem e semelhança de Deus (Gen 1, 26- 27), não é composto somente de carne, e o instinto sexual não é tudo nele. O homem é também e antes de tudo inteligência, vontade, liberdade: tais faculdades o tornam superior ao universo e o obrigam a considerar-se como tal; dão-lhe o poder de dominar suas tendências físicas, psicológicas e afetivas”.

“Porque há poucos eunucos de nascença, há outros a quem os homens fizeram tais; Mateus 19”.

2.4. QUEM SÃO OS EUNUCOS?

A palavra Eunuco se refere a homens castrados que guardavam Haréns de sultões na Ásia. O costume de empregar homens eunucos como guardiões de palácios, de tesouros, de haréns e de exércitos é bastante antigo. Os sultões otomanos, na realidade, adotaram este costume dos imperadores Bizantinos, nas cortes de Constantinopla. Os eunucos comumente ascendiam a posições de elevada hierarquia e posição política nas cortes onde serviam. Os eunucos mais famosos da história são **Mordecai, Hegai, Saasgaz, Ebede-Meleque, o Eunuco da Rainha de Candace** e o **General Narses de Bizâncio**.

Os eunucos de nascença, a que se refere o **Senhor Jesus**, são todos os indivíduos desprovidos, **de nascença**, de órgãos e de função sexual sadia. E não são poucos. Um exemplo disto são as **Síndromes Genéticas** que cursam como anomalias genitais e funcionais. As mais conhecidas são o **Hermafroditismo** e o **Pseudo-Hermafroditismo**, a **Síndrome de Rokitanski**, a **Síndrome de Turner** e a **Síndrome de Kalmann**. Há também os casos de **Agnesia de órgãos genitais**, **Disgenesia Gonadal**, quando o bebê nasce com órgãos genitais deformados ou incompletamente formados. A grande maioria desses casos é irreversível, porém há hoje alguns recursos terapêuticos para tratar alguns destes problemas.

2.5. OS EUNUCOS A QUEM OS HOMENS FIZERAM TAIS

Nesta categoria se incluem os homens que foram castrados. Não somente nos moldes dos Eunucos da Antiguidade, mas todos os indivíduos, homens e mulheres, que foram privados de seus órgãos genitais, quer seja por acidente, por mutilação cirúrgica, por violência ou por outras causas.

Mas, por que alguém optaria pelo Celibato?

A primeira resposta a esta pergunta é dada pelo **Senhor Jesus Cristo**:

2.5.1. Eunucos pelo Reino

“E há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para admiti-lo admita.” Mateus 19

Uma complementação a esta resposta pode ser claramente vista no que escreveu o apóstolo Paulo:

“Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está. Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento. Mas, se te casares, com isto não pecas; e também, se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos.” 1 Coríntios

A angustiosa situação presente a que Paulo se referia parece estar também, porém não exclusivamente, relacionada aos momentos de perseguição que sofria a Igreja de seu tempo. Porém, as aplicabilidades de suas palavras podem ser trazidas aos angustiantes dias em que

vivemos cercados de violências, guerras, doenças, epidemias, crises econômicas nacionais e internacionais e, por fim, a vindoura perseguição que terá de enfrentar a Igreja de Cristo.

Porém mais abrangentes do que estas palavras são as afirmações do **Senhor Jesus Cristo** quanto à extensão do **Celibato** opcional durante todo o período da Igreja. Ou seja, o trecho bíblico de **Mateus 19** não se limita aos discípulos do tempo em que o **Senhor Jesus Cristo** esteve entre nós em carne, mas são seus ensinamentos dirigidos à toda a Igreja em todas as épocas.

No caso de alguém almejar o **Celibato**, esta pessoa deverá consultar a **Deus**, com um franco e sincero exame de seu coração, pois o compromisso assumido poderá ser um estonteante fracasso se não estiver de acordo com os propósitos de Deus para esta ou para aquela pessoa. Por outro lado, se como diz o Senhor, alguém é apto para o Celibato, seus frutos serão gloriosos, pois estarão em harmonia com a vontade de Deus para a vida da pessoa em questão. E, felizmente, por **Jesus Cristo**, temos acesso ao trono de Deus para consultá-lo vinte e quatro horas por dia, de sábado a sábado.

3. CELIBATO NO NT

Podemos iniciar esta parte do nosso trabalho partindo do conselho cristão do celibato lembrando sempre que se trata de um conselho de Jesus o Mestre, e em seguida poderemos fazer outras alusões a alguns textos do NT, sobretudo em São Paulo que tomou posse dessa graça e a recomendou como um grande e poderoso valor de entrega ao serviço sem reservas ao Senhor e ao seu reino.

3.1. CELIBATO E NOVIDADE DE CRISTO

O sacerdócio cristão em sua novidade só será compreendido sob à luz da novidade de Cristo, pontífice máximo e sacerdote eterno, que instituiu o sacerdócio ministerial como participação do seu sacerdócio único. Portanto, o ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus (1 Cor 4,1), encontra também nele o modelo e o ideal supremo. O senhor Jesus Cristo, unigênito de Deus, enviado ao mundo pelo pai, fez-se homem para que a humanidade sujeita ao pecado e à morte, fosse regenerada e, por meio dum novo nascimento (Jo3, 5;Tt3,5), entrasse no reino dos céus. Consagrando-se inteiramente à vontade do pai (Jo4, 34; 17,4), Jesus realizou por meio do seu mistério pascal, esta nova criação (2Cor5, 17; Gl6, 15), introduzindo no tempo e no mundo uma forma de vida, sublime e divina, que transforma a condição terrena da humanidade (Gl3, 28).

O matrimônio que, por vontade de Deus, continua a obra da primeira criação (cf. Gn 2,18), ao ser integrado no desígnio total da salvação, adquire novo significado e valor. Na verdade, Jesus, restituiu-lhe a dignidade primitiva (Mt 19, 3-8), honrou-o (cf. Jo 2, 1-11) e elevou-o à dignidade de sacramento e de sinal misterioso da sua união com

CS 19.

CS 19.

CS 20.

a Igreja (Ef 5, 32). Assim, os cônjuges cristãos, no exercício do amor mútuo e no cumprimento dos próprios deveres, e tendendo para aquela santidade que lhes é própria, caminham juntos em direção à pátria celeste. Mas Cristo, mediador dum testamento mais excelente (Hb 8,6), abriu também novo caminho, em que a criatura humana, unindo-se total e diretamente ao Senhor e preocupada apenas com ele e com as coisas que lhe dizem respeito (1Cor 7, 33-35), manifesta de maneira mais clara e completa a realidade profundamente inovadora do Novo Testamento.

Por isso João Paulo II diz: “quando não se estima o matrimônio não pode existir nem mesmo a virgindade consagrada. Quando a sexualidade humana não é tida como um grande valor dado pelo criador, perde significado renunciar a ela pelo Reino dos Céus”.

O papa aqui faz eco ao que escrevia São João Crisóstomo: “quem condena o matrimônio priva a virgindade de sua glória; quem pelo contrário, louva-o torna a virgindade mais admirável e resplandecente. Aquilo que parece um bem somente se dor comparado a um mal, não é pois um grande bem; mas aquilo que é melhor do que os bens reconhecidos universalmente é um bem no máximo grau”.

“Há quem não se case por causa do Reino dos Céus”. Tendo consciência de que esta é uma linguagem nova, acrescenta: quem puder entender que entenda (cf. Mt. 19, 10-12). A radicalidade do seu amor ao pai, no Espírito Santo, é unificadora de todo seu amor redentor, tudo é reconduzido a esse ato frontal de amor e exprime-se na radicalidade de Serviço do reino que comunica aos discípulos. Esse amor exclusivo tudo exige, tudo possibilita e Jesus sabe que essa exigência incluirá a sua morte na cruz.

“Se alguém vem a mim, sem se desprender de seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e suas irmãs e até da sua própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não tomar sua cruz e me seguir, não pode ser meu discípulo”.

Cristo, Filho único de Deus, está constituído, em virtude da sua mesma encarnação, Mediador entre o céu e a terra, entre o pai e o gênero humano. Em plena harmonia com esta missão, Cristo manteve-se toda a vida no estado de virgindade, o que significa a sua dedicação total ao serviço de Deus e dos homens. Este nexos profundo em Cristo, entre virgindade e sacerdócio, reflete-se também naqueles que tem a sorte de participar da dignidade e da missão do mediador e sacerdote eterno, e essa participação será tanto mais perfeita quando o ministro sagrado estiver mais livres dos vínculos da carne e do sangue.

Jesus escolheu os primeiros ministros da salvação e quis que eles fossem participantes dos mistérios do reino dos céus (Mt 13,11; cf. Mc 4,11; Lc 8,10), cooperadores de Deus a título especialíssimo e seus embaixadores (2Cor 5,20), Jesus que lhes chamou amigos e irmãos (cf. Jo 15,15; 20,17), e se consagrou por eles para que também eles fossem consagrados na verdade (cf. Jo 17,19), prometeu superabundante recompensa a todos quantos abandonem casa, família, mulher e filhos pelo reino de Deus (cf. Lc 18, 29-30). E até recomendou, com palavras densas de mistério e de promessas, uma consagração mais perfeita ainda, ao reino dos céus, com a virgindade, em consequência dum dom especial (cf. Mt 19, 11-12). A correspondência a esse carisma divino tem como motivo o reino dos céus (ibid. v 12); e, do mesmo modo, é neste reino (cf. Lc 18, 29-30), no evangelho (Mc. 10, 29-30) e no nome de Cristo (Mt 19,29), que se encontram motivados o convites de Jesus às difíceis renúncias apostólicas no sentido duma participação mais íntima na sua própria sorte.

O celibato é, portanto o mistério da novidade de Cristo, de tudo o que Ele é e significa, é a soma dos mais altos ideais do evangelho e do reino. É uma manifestação particular da graça, que brota do mistério pascal do redentor, e torna desejável e digna a escolha da virgindade por parte dos que foram chamados pelo Senhor Jesus, não só a participarem do seu ministério sacerdotal, mas a compartilharem com Ele o seu mesmo estado de vida.

A correspondência à vocação divina é resposta de amor ao amor que Jesus Cristo nos mostrou de maneira sublime (cf. Jo 3,16; 15,13); é resposta coberta de mistério de amor particular pelas almas a quem ele fez sentir os apelos mais instantes (cf. Mc 10,21). A graça multiplica, com força divina, as exigências do amor; este, quando autêntico, é total, exclusivo, estável e perene, e estímulo irresistível que leva a todos os heroísmos. Por isso, a escolha do celibato consagrado foi sempre considerada pela Igreja “como sinal e estímulo da caridade”: sinal de amor sem reservas, estímulo de caridade que a todos abraça.

3.2. SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DO CELIBATO

O reino de Deus, que “não é deste mundo” (Jo 18,36), está nele presente, aqui na terra, em mistério e atingirá a sua perfeição com a vinda gloriosa do Senhor Jesus. A Igreja constitui, aqui na terra, o germe e o início deste reino; e, ao passo que vai crescendo lenta, mas seguramente, aspira pelo reino perfeito e ambiciona, com todas as forças, unir-se com o seu rei na glória. O povo de Deus peregrino encontra-se, na história, a caminho da sua verdadeira pátria (cf. Fl 3,20), onde se manifestará em plenitude a filiação divina dos remidos (cf. 1Jo 3,2) e onde brilhará definitivamente a beleza transfigurada da esposa do cordeiro divino.

O nosso Senhor e Mestre disse que “na ressurreição, nem eles se casam, e nem elas se dão em casamento, mas são todos como anjos no céu” (Mt 22,30). No mundo do homem, tão absorvido nos cuidados terrenos e dominado muitas vezes pelos desejos da carne (cf. 1Jo 2,16), o precioso dom divino da continência perfeita, por amor do reino dos céus, constitui exatamente “um sinal particular dos bens celestes”, anuncia a presença na terra dos últimos tempos da salvação (cf. 1Cor 7, 29-31) com o advento dum mundo novo, e antecipa, de alguma maneira, a consumação do reino, armando os valores supremos do mesmo, que um dia hão de brilhar em todos os filhos de Deus. É, por isso, testemunho da tensão necessária do povo de Deus orientada para a meta última da peregrinação terrestre e é incitamento para todos erguerem o olhar às coisas do alto, onde o Senhor está sentado à direita do pai e onde a nossa vida está escondida com Cristo em Deus, até se manifestar na glória (cf. Cl 3,1-4).

Pela virgindade, porém, ou seja, pelo celibato, guardado por amor do reino dos céus, os presbíteros se consagram a Cristo de maneira nova e privilegiada, a Ele mais facilmente aderem de coração indiviso, dedicam-se mais livremente n’ele e por ele ao serviço de Deus e aos homens, servem com mais disponibilidade a seu reino e à sua obra da regeneração vinda do alto e assim se tornam mais aptos a receber de maneira mais bem mais ampla a paternidade em Cristo gerando filhos para o reino de Deus.

4. O CELIBATO NA VIDA DA IGREJA

Muito instrutivo seria, embora demasiado longo, o estudo dos documentos históricos sobre o celibato eclesiástico. Uma alusão apenas. Os Padres e escritores eclesiásticos da antiguidade cristã dão testemunho da difusão, tanto no Oriente como no Ocidente, da livre prática do celibato nos sagrados ministros, em virtude da grande conveniência dele com a total dedicação ao serviço de Cristo e da Igreja.

Desde os inícios do século IV, a Igreja do Ocidente, por meio das decisões de vários concílios provinciais e dos Sumos Pontífices, corroborou, difundiu e sancionou esta prática. Podemos citar de forma especial a particular o Concílio de Elvira, 300-303 na Espanha que introduziu o Celibato para aquela Igreja particular. A partir daí foi-se aos poucos se consolidando na Igreja o Celibato como condição para o sacerdócio.

Foram, sobretudo, os supremos Pastores e Mestres da Igreja de Deus, guardas e intérpretes do patrimônio da fé e dos santos costumes cristãos, quem promoveu, defendeu e restaurou o celibato eclesiástico nas épocas sucessivas da história, ainda mesmo quando no próprio clero surgiram oposições a ele e os costumes da sociedade favoreciam pouco os heroísmos da virtude. A obrigação do celibato foi solenemente sancionada pelo Concílio Ecumênico de Trento, e por fim inserida no Código de Direito Canônico (can. 132 1). O mesmo em uma de suas definições declarou: “Se alguém disser que o estado conjugal é preferível e melhor que o da virgindade ou do celibato seja Anátema”.

Os Sumos Pontífices mais recentes empregaram o seu ardentíssimo zelo e doutrina em iluminar o clero e estimulá-lo a essa observância. Disse João XXIII:

“Amargura-nos saber... que alguns fantasiam sobre o desejo ou a conveniência, que haveria para a Igreja católica, em renunciar ao que por tantos séculos foi e continua a ser uma das mais nobres e mais puras glórias do sacerdócio. A lei do celibato eclesiástico, com o empenho de fazê-la prevalecer, continua a evocar as batalhas dos tempos heróicos, quando a Igreja teve que lutar e venceu, evoca o triunfo do seu trinômio glorioso, que será sempre emblema de vitória: Igreja de Cristo, livre, casta e católica.”

Se for diferente a legislação da Igreja Oriental em matéria de disciplina celibatária para o clero, como foi finalmente estabelecido no Concílio Trulano do ano 692 e abertamente reconhecido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, deve-se a uma situação histórica, também diversa, daquela parte nobilíssima da Igreja, à qual o Espírito Santo conformou providencial e sobrenaturalmente o seu influxo.

Mas a apologia que os Padres Orientais fizeram da virgindade é-nos igualmente motivo de conforto para perseverarmos na observância da disciplina sobre o celibato do clero. Ainda hoje faz eco no coração da Igreja, por exemplo, a voz de São Gregório Nisseno, quando nos recorda que “a vida virginal é a imagem da felicidade que nos espera no mundo que há de vir”. Nem é menos confortante o louvor, em que ainda hoje meditamos dado por São João Crisóstomo ao sacerdócio quando pretendia fazer ressaltar a necessária harmonia que deve reinar entre a vida particular do ministro do altar e a dignidade de que está revestido, em função dos seus deveres sagrados: “... quem se aproxima do sacerdócio, deve ser puro como se estivesse no céu”.

Além disso, não será inútil observar que, mesmo no oriente, somente os sacerdotes celibatários são sagrados bispos, e nunca os sacerdotes podem contrair matrimônio depois da ordenação; o que faz compreender como também aquelas veneradas Igrejas possui, em certo modo, o princípio do sacerdócio celibatário e o de certa conveniência do celibato para o sacerdócio cristão, do qual os bispos tem o auge e a plenitude. Em todo o caso, a Igreja Ocidental não pode faltar em sua fidelidade à própria antiga tradição; nem poderá passar pela cabeça de ninguém que ela tenha seguido durante séculos um caminho que, em vez de favorecer a riqueza espiritual dos indivíduos e do Povo de Deus, a tenha de algum modo comprometido, ou levado a oprimir, com arbitrárias intervenções jurídicas, a livre expansão das mais profundas realidades da natureza e da graça.

CS n. 37

CS n. 38

CS n. 40

CS n. 41

A virgindade consagrada é certamente dom especial. Mas a Igreja inteira da nossa época, representa solene e universalmente pelos seus Pastores responsáveis, e respeitando, a disciplina das Igrejas orientais, manifestou a sua plena certeza no Espírito de “que o dom do celibato, tão em harmonia com o sacerdócio do Novo Testamento, será concedido liberalmente pelo Pai, desde que os participantes do sacerdócio de Cristo pelo sacramento da Ordem, e toda a Igreja, humilde e insistentemente o peçam”.

O Reino de Deus é grande, e os operários ainda são poucos, como ao princípio; ou por outra, nunca chegaram a ser tão numerosos, que se pudessem dizer suficientes segundo os cálculos humanos. Mas o Senhor do reino exige que se reze, para que o Dono da messe mande operários para o seu campo (Mt 9, 37-38). Os planos e a prudência dos homens não podem sobrepor-se à misteriosa sabedoria daquele que, na história da salvação, desafiou a sabedoria e o poder do homem com a sua insensatez e fraqueza (1Cor 1, 20-31)

Não se pode acreditar sem reservas que, abolido o celibato eclesiástico, as vocações sacerdotais cresceriam por isso mesmo e de forma considerável: a experiência contemporânea das Igrejas e das comunidades eclesiais quem permitem o matrimônio aos seus ministros parece depor em contrário. A rarefação das vocações sacerdotais deve ser procurada principalmente noutras causas: por exemplo, na perda ou na diminuição do sentido de Deus e do que é sacro nos indivíduos e nas famílias, e na perda da estima pela Igreja como instituição de salvação mediante a fé e os sacramentos. O problema tem, portanto que ser estudando na sua verdadeira raiz.

4.1. CELIBATO E AMOR DE CRISTO E DO SACERDOTE PARA COM A IGREJA

“Conquistado por Cristo Jesus” (Fl 3,12) até ao abandono total de si mesmo a Ele, o sacerdote configura-se mais perfeitamente a Cristo, também no amor com que o Eterno sacerdote amou a Igreja seu corpo, oferecendo-se inteiramente por ela, para torná-la Esposa sua, gloriosa, santa e imaculada (cf Ef 5, 25-27). A virgindade consagrada dos sacerdotes manifesta, de fato, o amor virginal de Cristo para com a Igreja e a fecundidade virginal e sobrenatural desta união em que os filhos de Deus não são gerados pela carne e pelo sangue (Jo 1,13).

O sacerdote, dedicando-se ao serviço do Senhor Jesus e do seu corpo místico, em plena liberdade, facilitada pela sua oferta total, realiza, de modo mais completo, a unidade e a harmonia da vida sacerdotal; torna-se mais capaz de ouvir a Palavra de Deus e de se entregar

à oração. Na verdade, a palavra de Deus, conservada pela Igreja, deixa na alma do sacerdote, que diariamente a medita, vive e anuncia os ecos mais vibrantes e mais profundos.

Deste modo, como Cristo, aplicado total e exclusivamente às coisas de Deus e da Igreja (cf Lc 2,49; 1Cor 7, 32-33), o ministro do Senhor, à imitação do Sumo Sacerdote sempre vivo na presença de Deus a interceder por nós (cf Hb 9,24; 7,25), encontra na recitação devota e atenta do Ofício divino, na qual empresta a sua voz à Igreja que ora em união com o seu Esposo, alegria e impulso incessantes e sente necessidade de ser mais assíduo na oração, dever eminentemente sacerdotal (cf At 6,2).

E tudo o mais da vida do sacerdote, adquire maior plenitude de significado e de eficácia santificadora. Com efeito, o seu compromisso especial de santificação encontra novos incentivos no ministério da graça e no da eucaristia, “em que está encerrado todo o bem da Igreja”: operando em nome de Cristo, o sacerdote une-se mais intimamente à oferta, colocando sobre o altar a sua vida inteira, marcada com sinais de holocausto.

Quanta consideração poderia acrescentar ainda sobre o aumento da capacidade, de serviço, de amor e sacrifício do sacerdote em favor do Povo de Deus? Cristo disse de Si mesmo: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas, se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12,24); e o apóstolo São Paulo não hesitava em expor-se à morte de todos os dias, para possuir nos seus fiéis a glória em Cristo Jesus (cf 1Cor 15,31). Assim o sacerdote, na morte cotidiana a toda a sua pessoa, na renúncia ao amor legítimo de uma família própria, por amor a Jesus e dos eu reino, encontrará a glória duma vida em Cristo pleníssima e fecunda, porque, como Ele nele, ama e se entrega a todos os filhos de Deus.

Na comunidade dos fiéis confiados aos seus cuidados, o sacerdote é Cristo presente; daqui a suma conveniência de que ele reproduza em tudo a imagem de Cristo e lhe siga o exemplo, tanto na vida íntima como na vida do próprio ministério. Para os seus filhos em Cristo, o sacerdote é sinal e penhor das realidades sublimes e novas do reino de Deus, das quais é distribuidor, possuindo-as em si no grau mais perfeito e alimentando a fé e a esperança de todos os cristãos, que, como tais, são obrigados à observância da castidade segundo o próprio estado.

A consagração a Cristo, em virtude dum título novo e excelso como é o celibato, consente, além disso, ao sacerdote, mesmo no campo prático, como é evidente, a máxima eficiência e a melhor aptidão psicológica e afetiva para o exercício contínuo daquela caridade perfeita que lhe permitirá, de maneira mais ampla e concreta, dar-se todo para o bem de todos (cf 2Cor 12,15),(14) e garante-lhe, como é obvio, maior liberdade e disponibilidade no ministério pastoral, (15) na sua ativa e amorosa presença no mundo, ao qual Jesus Cristo o enviou (cf Jo 17,18), a fim de que ele pague inteiramente a todos os filhos de Deus a dívida que tem para com eles (cf Rm 1,14).

4.2. CELIBATO E IGREJA NA ATUALIDADE

É sempre importante saber qual a posição daqueles que tem por mandato de Cristo o dever de conduzir seu rebanho e levá-lo ao seu amior desejo que é que todos se salvem e sejam felizes. É riquíssima a bibliografia sobre este tema. Entre os mais recentes documentos do magistério, além de *Sacerdotalis Caelibatus* de Paulo VI, distinguem-se as encíclicas *Ad Catholici Sacerdoti* de Pio XI; *Menti Nostrae* e *Sacra Virginitas* de Pio XII; a Carta de João Paulo II aos sacerdotes na quinta-feira santa de 1979 e seu Discurso aos seminaristas do Brasil. Vejamos algumas frases de alguns papas do nosso tempo sobre o assunto.

A respeito de um celibato opcional: João Paulo II pronunciou-se “São ilusórias e empobrecedoras para o sacerdócio as pretensões de um celibato opcional”. “O papa bento XVI declarou que jamais acontecerá, no futuro, a introdução desse celibato opcional”. O bem aventurado João XVIII disse que é uma alucinação viver sonhando com tal acontecimento. Pio XII acrescentou: “esta doutrina da excelência da virgindade e do Celibato, e da superioridade de ambos em relação ao matrimônio, tinha sido declarada, como dissemos, pelo Divino Redentor e pelo apóstolo das gentes: do mesmo modo foi também definida solenemente no Concílio Tridentino como dogma de fé, e comentada sempre unanimemente pelos Santos Padres e Doutores da igreja”. João Paulo II pronunciou as seguintes palavras no sínodo dos bispos: “O sínodo não quer deixar dúvida na mente de ninguém sobre firme vontade da Igreja de manter a lei que exige o Celibato livremente escolhido e perpétuo para os candidatos à ordenação Sacerdotal do Rito Latino”.

Bento XVI também pronunciou-se recentemente sobre o assunto na Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramento Caritatis vejamos na íntegra: “Os padres sinodais quiseram sublinhar como o sacerdócio ministerial requer, através da ordenação, a plena configuração de Cristo. Embora respeitando a prática e tradição oriental diferente, é necessário reiterar o sentido profundo do celibato sacerdotal, justamente considerado uma riqueza inestimável e confirmado também pela prática oriental de escolher os bispos apenas de entre aqueles que vivem no celibato, indício da grande honra em que ela tem a opção do celibato feita por numerosos presbíteros. Com efeito, nesta opção do sacerdote encontram expressão peculiar a dedicação que o conforma a Cristo e a oferta exclusiva de si mesmo pelo Reino dos Céus. O fato de o próprio Cristo, eterno sacerdote, ter vivido a sua missão até ao sacrifício da cruz no estado de virgindade constitui o ponto seguro de referência para receber o sentido da tradição da Igreja Latina e tal respeito. Assim, não é suficiente compreender o celibato sacerdotal em termos meramente funcionais; na realidade constitui uma especial conformação ao estilo de vida do próprio Cristo. Ants de mais, semelhante opção é esposal: a identificação com o coração de Cristo Esposo que dá a vida pela sua Esposa. Em sintonia com a grande tradição eclesial, com o Concílio Vaticano II e com os Sumos Pontífices meus predecessores, corroboro a beleza e a importância duma vida sacerdotal vivida no celibato como sinal expressivo de dedicação total e exclusiva a Cristo, à Igreja e ao reino de Deus e, conseqüentemente, confirmo a sua obrigatoriedade para a tradição latina. O celibato sacerdotal, vivido com maturidade, alegria e dedicação, é uma bênção enorme para a Igreja e para a própria sociedade.”

PRC pág. 32.

EAPDV n. 29.

SC n. 24.

CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho conclui que o celibato sacerdotal foi, é e será um grande Tesouro-presente a nós deixado por Cristo para sua Igreja que é sempre chamada a se assemelhar ao seu esposo. Longe de ser um desprezo ao estado do matrimônio é antes uma escolha renúncia das faculdades genitais por amor ao Reino dos Céus. Na Igreja o Celibato sacerdotal como um dos modos de celibato existente na mesma, tem razão de ser enquanto lei eclesiástica, quando antes é aceito como condição sem a qual não se chega ao sacerdócio segundo as leis da Igreja (exceto algumas igrejas do oriente), deve também ser visto como um conselho evangélico que foi durante o processo da história da Igreja ganhando o corpo de lei eclesiástica.

Quem se sente chamado a tal vocação deve estar ciente de que não é só por suas forças que irá conseguir, mas também e, sobretudo deve contas com a graça do Senhor que sustenta e mantém a sua Igreja. O celibato sacerdotal na Igreja prefigura aquele estado de vida que alcançaremos na Parusia, onde não mais há casamento, mas seremos como anjos do Céu.

Por fim o celibato vivido com amor é capaz de vencer todo e qualquer temor, toda e qualquer barreira. Nos nossos dias onde reina cada vez mais a intemperança nos afetos o celibatário é chamado a ser contradição no mundo, e luz no caminho daqueles que jazem nas trevas do pecado e não vêem mais saída. Ser celibatário por causa do reino é antes ser oblação entrega por Deus e pelo próximo.

REFERÊNCIAS

SOBRINHO, Dom. José Cardoso. **Perguntas e respostas sobre Celibato**. Recife, Brasil 2003.

PAULO VI, Papa. **Celibato Sacerdotal uma opção de amor**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

GUARDA, Pe. Jorge Manoel Faria. **Apostila o Celibato Consagrado**, São Paulo: 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. **Familiares Consortio**.

EURICO, Pe. Pepe. **Apostila à virgindade**. Recife, Brasil: 2006.

CONC. VAT. II. **Decreto Presbyterorum Ordinis**. São Paulo Brasil: Paulus, 2001.

JOÃO PAULO II, papa. **Exortação Apostólica Pós Sinodal “Pastoris Dabo Vobis”**. São Paulo, Brasil: Paulus, 2005.

BENTO XVI, papa. **Exortação Apostólica Pós Sinodal, Sacramento Caritatis**. São Paulo: Paulinas, 2007.